Simpósio Temático 14

Felipe Azevedo Cazetta
Universidade Federal Fluminense

Título da Comunicação: Integralismos de um lado a outro do Oceano Atlântico: análises e observações sobre as teorias do Integralismo Lusitano (1914-1922) e da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)

RESUMO: O trabalho em questão tem como objetivo apontar as características que revestem as teorias pertencentes ao Integralismo Lusitano e à Ação Integralista Brasileira (AIB), visando responder à questão: O que faz ambos os movimentos denominarem-se "Integralismo"?

Chama a atenção entre estes dois movimentos as convergências teóricas, apresentadas, dentre outros fatores, na rejeição ao liberalismo e na simpatia ao corporativismo, no anti-cosmopolitismo, assim como no ruralismo que permeia o arcabouço teórico dos dois integralismos. Todavia, salta aos olhos, igualmente, as diferenças nas alternativas para retirar do domínio liberal o governo de seus países. Enquanto António Sardinha (principal mentor do Integralismo Lusitano) – após sofrer desilusão com o projeto republicano implantado em Portugal – via na monarquia o resgate da soberania, da família e da religiosidade em reação ao liberalismo[1], Plínio Salgado (chefe nacional e fundador da AIB) via na centralização política e no partido único[2] as soluções para sanar os problemas causados – segundo o integralista – pelo regime liberal.

Assim, a partir da confrontação de textos produzidos por algumas das lideranças e dos elementos centrais de produção teórica destes movimentos, se estabelece a meta de observar aspectos de seus respectivos bojos teórico-doutrinários que delimitam suas fronteiras. Por outro lado, há o interesse em definir outras características que aproximam o Integralismo Lusitano da Ação Integralista Brasileira, revelando a proximidade presente não somente na denominação deste movimentos.

---

1 SARDINHA, António. *Ao Ritmo da Ampulheta.* Lisboa: qp, 1978. p. 48-49.

2 SALGADO, Plínio. *Manifesto de Outubro de 1932.* São Paulo: Secretaria Nacional de Propaganda, s/d. p. 2-3.